

# Sobre a fluidez do gênero

Manola Vidal,<sup>1</sup> Rio de Janeiro

Resumo: A autora propõe reflexões sobre a linearidade e a fluidez dos processos identificatórios presentes na experiência da identidade de gênero. Utiliza a matriz teórica kleiniana, a partir de relações conceituais entre a cena primária e a figura parental combinada, e do movimento dialético entre as posições esquizoparanoide e depressiva. Justifica a escolha dessa abordagem por considerar que ela contribui para o diálogo entre a teoria psicanalítica e a teoria queer. Acredita que, com esse diálogo, a prática da clínica psicanalítica poderá, por meio de seus próprios recursos conceituais, posicionar-se em relação às demandas de sua época.

Palavras-chave: gênero, identificação, teoria queer, clínica psicanalítica

## Introdução

Este trabalho propõe reflexões sobre a linearidade e a fluidez dos processos identificatórios presentes na experiência da identidade de gênero a partir das relações conceituais apresentadas por Aron (1992a), entre a cena primária e a figura parental combinada, e Sweetnam (1996), por meio do movimento dialético entre as posições esquizoparanoide e depressiva. A justificativa para a escolha dessa abordagem é a da consideração de que ela contribui para o diálogo entre a teoria psicanalítica e a teoria queer,<sup>2</sup> bem como compreende que o conceito de cisão encontra-se na origem da concepção sobre a fluidez de gênero.

O nascimento da teoria queer frequentemente é referido ao artigo intitulado “Queer theory: lesbian and gay sexualities: an introduction” (Laurentis, 1991), que, após sua publicação, produziu debates entre diferentes posições tanto em ambientes acadêmicos como políticos ligados aos movimentos

1 Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Mestre e doutora em saúde da mulher pelo Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com pós-doutorado em psicanálise e saúde mental pelo Instituto de Psiquiatria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em psicanálise, gênero, ética e política pelo Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero (Ipperg).

2 Os significados do termo *queer* variam no tempo e nos lugares: no século 16, como um adjetivo para estranho, ilegítimo; no século 19, como uma palavra de ódio, homofóbica, para se referir à atração pelo mesmo sexo; nos séculos 20 e 21, como um termo guarda-chuva na compreensão das dissidências de gênero, encontrando-se, por exemplo, na reivindicação do pronome neutro, pela importância do reconhecimento e da autodescrição, sendo fundamental também para camadas da população marginalizadas e vulneráveis ao risco de violência, pobreza e exclusão social. Pode ser ainda compreendido como um nome: “um bando de queers”, um adjetivo: “a comunidade queer”, e um verbo: “queerizando a psicanálise”.

sociais. Os debates foram construídos sobre dois tipos de questionamentos: se seria possível esse conhecimento ter o status científico de uma teoria e se, como teoria, contribuiria para a fixação de identidades, pois elas construiriam socialmente uma forma de fixar o sujeito em determinada experiência de si, self. É justamente e principalmente sobre o questionamento de identidades fixas (heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais etc.) que a produção teórica reconhecida como queer se opõe a contribuir para se fixar o sujeito em uma determinada experiência de si.

Desta forma, o que poderíamos reconhecer como queer seria um posicionamento de oposição em relação aos ativismos sexual e de gênero, pois estariam presentes na constituição das políticas de identidade. Sua produção de conhecimento acadêmico, principalmente estadunidense, é reconhecida pela utilização como técnica metodológica da construção de histórias de vida e também por apresentar uma vasta produção teórica sobre a dissolução do binarismo sexo-gênero que ultrapassa os estudos lésbicos e gays, incorporando outras sexualidades. Seus pressupostos teóricos estão ligados ao pós-estruturalismo dos anos 1970 e 1980, baseados nos trabalhos de Derrida (1973), Foucault (1999), entre outros. O pós-estruturalismo rejeita a ideia de uma verdade universal, absoluta, como nas metateorias (grandes narrativas), que se esforçam para explicar a experiência humana em uma estrutura específica. O conhecimento será sempre parcial e contextual, não sendo nem neutro ou objetivo, mas contingente aos sistemas de poder. Na produção de conhecimento identificada como queer não existiria uma verdade sobre quem se é, nem sobre as identidades de gênero, pois seriam culturalmente constituídas pela ideologia da heteronormatividade.

Seria possível resumidamente apresentar seus eixos como sendo os de resistir à categorização de pessoas, não essencializar as identidades, questionar os binarismos (macho-fêmea; gay-hétero); demonstrar como sexo, gênero e sexual são contextualizados pela geografia, pela história e pela economia; e examinar as relações de poder na compreensão das categorias de identidade. Esses pressupostos apresentam argumentos para um debate trazido por Butler (1990, 1993), que se refere aos gêneros inteligíveis e não inteligíveis. A autora acrescenta que um campo social que admitisse gêneros não inteligíveis permitiria ao sujeito manter-se como não inteligível, sugerindo que, embora possamos sentir que sem algum reconhecimento não se pode viver, também sentimos que os termos pelos quais somos reconhecidos podem tornar uma vida não vivida. Para Butler (1990, 1993), manter-se como não inteligível é uma forma de ser e ao mesmo tempo uma condição para se refazer o humano.

A contribuição deste trabalho para o diálogo entre a teoria psicanalítica e a teoria queer utiliza a forma como Aron (1992a) e Sweetnam (1996) compreendem as questões sobre a identidade de gênero em relação

aos processos identificatórios. Os autores se posicionaram tanto em relação à fixidez e à linearidade das identificações edípicas em Freud (1924/1992, 1923/2011a, 1921/2011b), como sobre a identidade de gênero e os processos de desidentificação pré-edípica do corpo da mãe (Greenson, 1966, 1968; Stoller 1964, 1968). Eles possuem em comum o reconhecimento de que a relação entre a identidade de gênero e os processos de identificação nas resoluções edípica e pré-edípica apresentam natureza essencializada, pois seriam permanentes para o resto da vida, possuindo estrutura linear, característica das identidades fixas.

A importância da matriz kleiniana, à qual esses autores se filiam, lembra-nos que ela é utilizada frequentemente pela teoria feminista (Sayers, 1987) com o objetivo de demonstrar que sua epistemologia é potencialmente subversiva às divisões ontológicas e dualistas da epistemologia patriarcal dominante, pois se baseia em uma teoria do conhecimento que incorpora o afetivo e o sexuado (Chodorow, 2000; J. Mitchell, 1998; Nash, 1999) da experiência intersubjetiva.<sup>3</sup> Outro aspecto importante é o da proximidade desses autores com a psicanálise relacional<sup>4</sup> por meio de um recorte teórico específico, que é o conceito de cisão utilizado na concepção sobre a fluidez de gênero.

No sentido de situar historicamente o conhecimento sobre a fluidez de gênero, temos primeiramente sua investigação no campo transferencial e, em um segundo momento, a expansão, por meio da psicanálise relacional, da compreensão sobre o mecanismo psíquico da cisão a partir do que foi inicialmente apresentado por Breuer e Freud (1893-1895/1969).

Freud, ao interpretar na transferência um sonho da poeta H. D. (1985), teria percebido seu interesse mais pela mãe do que pelo pai, informando claramente à paciente que não gostava de ficar no lugar da mãe na transferência, mas do pai. Ficar no lugar da mãe o surpreendia sempre, pois se sentia muito masculino. Esse relato situa na transferência o conceito de flexibilidade de gênero, pois o trabalho da clínica psicanalítica envolve identificações múltiplas e contraditórias confrontando as identificações edípicas lineares e dicotômicas. Assim, a tensão entre o próprio gênero nominal e o gênero do objeto

3 O uso das comunicações afetiva e intersubjetiva como fontes de conhecimento incorporado pode ser conhecido por trabalhos como os de Luce Irigaray (1993a,1993b), Susan Bordo (1993) e Elizabeth Grosz (2015). Confrontando a ideologia patriarcal em suas formas culturalmente dominantes que sustentam a produção de conhecimento por uma epistemologia que imita os métodos de investigação das ciências naturais, definindo-se assim como oposta ao reconhecimento da intersubjetividade e do afeto como componentes importantes da observação científica e/ou da investigação acadêmica.

4 Linha de conhecimento teórico e técnico que pensa a psicanálise com foco sobre o processo, a partir de uma coconstrução entre paciente e analista, enfatizando também o diálogo com outros campos do conhecimento.

de transferência apresenta-nos os estados de fluidez do self,<sup>5</sup> que consistem em múltiplas representações descontínuas entre si (S. Mitchell, 1993; Schafer, 1989) com a presença de identificações de gênero variadas, produzindo tensão entre o gênero nominal e a fluidez de gênero, no analista e no paciente, durante o curso do processo analítico.

Aproximando-nos da compreensão de que o conceito de cisão encontra-se na origem da concepção sobre a fluidez de gênero, temos na proposta de um modelo de funcionamento psíquico denominado pela psicanálise relacional de multiplicidade do self (Bromberg, 1996) um ponto de partida. Tal modelo implica a não linearidade e estados descontínuos de consciência como aqueles descritos por Breuer e Freud (1893-1895/1969) e expandidos por Ferenczi (1933/2019), Fairbairn, (1940/2002), Searles (1977), Winnicott (1971/1975), entre outros, que, com metáforas próprias, situaram a multiplicidade do self como ponto principal de suas teorias. Para a psicanálise relacional existiria a multiplicidade não patológica do self, que depende da presença da dialética contínua entre unidade, integração, e separação, não integração, dos estados de self. O sujeito seria momentaneamente ou apenas difusamente consciente da existência desses estados de self e suas conseqüentes e respectivas realidades e, quando tudo funciona bem, cada unidade funciona como parte de uma ilusão saudável de identidade coesa. Cada estado de si é parte de um todo funcional, informado por um processo de negociação interna com realidades, valores, afetos e perspectivas. Assim, a cisão, como o recalque, é um mecanismo psíquico ligado à multiplicidade do self ou de versões de self, que coexistem, possibilitando ao sujeito a habilidade de permanecer entre espaços e realidades sem se perder em algum deles, ou seja, a capacidade de se sentir um self enquanto se é vários.

A partir da concepção de uma dialética entre as unidades de self cindidas, temos o espaço teórico, por meio do qual Aron (1995) e Sweetnam (1996) propõem integrar a concepção de fluidez de gênero. Dessa forma, aproximam-se de autores como Benjamin (1998) e Dimen (1991, 1995), que também criticam a fixidez de gênero, porém a partir de uma contextualização social e com pesquisas sobre a observação da relação mãe-bebê, incluindo questões ligadas à psicologia do desenvolvimento. Benjamin (1998) concebe a identidade de gênero referindo-se a uma experiência de si mesmo, self, conforme os pressupostos da psicanálise relacional e os conceitos de paradoxo e espaço potencial em Winnicott (1971/1975), apresentando a noção de acessibilidade temporal às identificações.

5 Self como construção subjetiva da imagem de si mesmo que se diferencia do ego como uma estrutura de funcionamento consciente e inconsciente.

A concepção de gênero em relação à experiência de si, self, aponta para a coexistência entre uma autorrepresentação sem gênero ou mesmo de gênero oposto, cujo acesso pode variar em vez de cada um anular o outro, estando o gênero aberto a variações e em constante tensão. Dimen (1991) também apresenta uma concepção de fluidez e flexibilidade de gênero, porém seu enfoque ultrapassa a localização dele em relação a um processo de desenvolvimento. Sua concepção de gênero é a de uma força de campo, conjunto de relações complexas e mutáveis, entre diferenças e não uma categoria para se investigar a realidade. O gênero se localizaria no espaço das dicotomias ditadas socialmente e sua fluidez é relativa às experiências subjetivas de codificação a partir dessa localização. Há um duplo movimento: o de codificar a dinâmica dessa dicotomia social e ao mesmo tempo ser codificado por ela.

Com esse panorama, à guisa de apresentar a proposta para reflexões sobre a linearidade e a fluidez dos processos identificatórios presentes na experiência da identidade de gênero, vamos nos aproximar do recorte teórico investigado nos trabalhos de Aron e Sweetnam.

## Lewis Aron: a cena primária e a figura parental combinada

Aron (1995), ao articular a internalização da cena primária a partir de sua relação com a figura parental combinada, justifica-se a partir de uma postura epistemológica relacional-perspectivista<sup>6</sup> (Aron, 1992a, 1992b). Reformula as fantasias dessa articulação em sua positividade, ou seja, como estruturas organizadoras que iluminam a capacidade de se manter duas ideias contrastantes na mente, sem fundi-las ou separá-las, como capacidade psíquica de se manter um paradoxo (Ghent, 1992).

Ele propõe uma noção de estrutura interna denominada senso de self multigênero, em que há a interação de traços identificatórios estruturados pelas internalizações que posicionam o sujeito em relação às fantasias de cena primária e à figura parental combinada. Essa internalização possibilita a compreensão clínica sobre a fluidez identitária, que é contrária àquela da noção de uma identificação fixa e de seu contrário ser a fragmentação psicótica, ou seja, essa compreensão é contrária a igualar identificação fixa a neurose e identificação fluida a psicose.

6 Abordagem dentro da epistemologia (ramo da filosofia que estuda o conhecimento) que combina elementos de relativismo e perspectivismo a partir de uma ideia central: todo conhecimento é condicionado pelo ponto de vista do sujeito (perspectivismo) e pelo contexto em que ele está inserido (relativismo). Essa postura enfatiza a subjetividade na construção do conhecimento e desafia a ideia de verdades absolutas ou universais. Essa postura de Aron caracteriza sua teoria da clínica psicanalítica na qual a mutualidade/não mutualidade e simetria/não simetria seriam posturas técnicas.

Freud (Breuer & Freud, 1893-1895/1969), no primeiro relato clínico da cena primária, no caso Katharina, descreveu seus efeitos patogênicos como sendo os da sobrecarga de excitação sexual, que, recalçada, seria um elemento na etiologia da histeria. Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1969d), afirma que a relação sexual entre adultos atinge qualquer criança, despertando ansiedade, pois a imaturidade cognitiva impediria a compreensão do significado dela. Desta forma, sua primeira concepção da cena primária trata do aspecto traumático. Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1969f), a curiosidade sobre o que acontece no quarto dos pais não é relacionada ao efeito patogênico do trauma. No caso Dora (1905[1901]/1969b), temos a conexão entre a sintomatologia de uma paciente adulta e a experiência infantil com a cena primária. Com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1969h), outro elemento crucial para a compreensão do significado da cena primária foi apresentado: o do sadismo. Em “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908/1969g), essa ideia é reiterada. Outro elemento também é apresentado no trabalho “Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença” (1915/1969a), pois a fantasia de ser observado durante o intercurso sexual foi compreendida como uma projeção da pulsão escopofílica. O tema da identificação com um dos pais da cena primária reaparece no caso do Homem dos Lobos (1918/1969c) e seus derivados traumáticos reiteram sua compreensão como um ato sádico. Freud considerou finalmente que a cena primária seria uma fantasia ou uma experiência real. Como fantasia estaria ligada a uma determinada herança filogenética e suas conclusões nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (Freud, 1933/1969e) afirmam que a cena primária se encontra desde os tempos primordiais da família humana como fantasias filogeneticamente determinadas. Freud (1913/1990) retorna à influência da cena primordial percebida sadicamente e suas consequências para a masculinidade por meio de sua compreensão sobre a relação entre identificação agressiva com o pai na cena primordial.

A partir dos pressupostos relativos ao traumático em conexão com o sadismo na interpretação infantil da cena primordial, Aron se posiciona em função de propor sua expansão (Esman, 1973). Ele defende que a cena primária não precisa ser interpretada como uma visão literal pela criança da relação sexual entre os pais ou como pertencente especificamente às fantasias das crianças sobre a atividade sexual. Pode ser compreendida como uma experiência total de elaboração da mitologia pessoal da criança sobre a interação e o relacionamento entre os pais. Assim, o excesso da excitação sem descarga ou a projeção das pulsões parciais (sádica ou escopofílica) poderiam também ser compreendidos por significados interativos e relacionais (J. Mitchell, 1998). Para Aron, a sexualidade é um organizador da experiência infantil a partir de

como as sensações corporais formam a base para suas elaborações imaginativas do mundo e das pessoas importantes nele.

A sexualidade carregaria a ideia de um contato para expressar os anseios, os conflitos e as negociações nas relações entre o eu e o outro, sendo sua experiência corporal usada para expressar conflitos e afetos interpessoais. O significado da cena primária também é o de ser um dos organizadores psíquicos das relações de objeto. O desejo da criança de participar do mundo dos adultos representa tanto o desejo de relacionamento com os pais, relação de objeto, quanto uma tentativa de manter a autoestima (necessidade narcísica). É uma lesão narcísica ser excluído das atividades do casal e uma privação relacional ser excluído da interação entre os pais, como propõe Aron. Suas várias acepções vão da patologia à estruturação das relações objetais e do narcisismo (Blum 1979). Na tradição da psicanálise clássica, a cena primária é o drama por excelência.

Para Klein (1932/1997), a questão edípica se inicia na relação com os objetos parciais e seu conteúdo é pré-genital. O conceito de figura parental combinada teria como função possibilitar um movimento que enfatiza a interação contínua de questões edípicas e pré-edípicas, as relações de objeto total e parcial e a dinâmica entre a posição esquizoparanoide e depressiva. É uma fantasia que constitui a realidade psíquica, cujo conteúdo é o dos pais combinados, a partir do fusionalismo característico do que a autora descreveu como um dos elementos do Édipo primitivo. A teoria kleiniana sustenta que uma das experiências mais profundas de um bebê é o desejo de penetrar no corpo da mãe, explorar e tomar posse de seus conteúdos e depois destruí-los com raiva, frustração e ciúmes; isso leva ao temor de retaliação. A versão mais antiga da cena primordial envolve a fantasia da figura combinada dos pais, cujos órgãos sexuais estão em permanente relação sexual violenta. Quando frustrado, o bebê sente que o pai e a mãe desfrutam de todos os objetos de prazer do qual é privado. A relação sexual é vista por uma perspectiva pré-genital, referindo-se a um compartilhamento constante de bons alimentos e boas fezes, uma gratificação mútua e eterna de natureza oral, anal e genital (Klein, 1952/1965). Assim, a figura dos pais combinados forma o núcleo dos medos infantis e outros delírios de perseguição (Segal, 1973/1975) e será a intensidade da inveja (Klein, 1957/1991b), que possibilita ou não, na realidade psíquica, separar pai da mãe anteriormente combinados. A dificuldade de separação dos pais, de desfusionamento, devido à intensidade da inveja, desempenharia papel importante nos estados confusionais, aproximando-se de patologias denominadas como sendo relativas à figura parental combinada. Não havendo patologia, ou seja, se a intensidade da inveja não cria obstáculos à separação do que estava combinado, a figura parental perde a força, dando lugar à relação mais realista com os pais internalizados como objetos

separados que se relacionam de uma forma não fusional, aproximando-se do modelo do Édipo não primitivo. Sempre será um estado para onde se pode regredir por meio da negação onipotente dos pais como pessoas distintas e do reconhecimento da relação sexual genital (Segal, 1973/1975).

Aron (1995), seguindo na trilha da despatologização, primeiramente realizada em relação à cena primária, aborda o conceito de figura parental combinada, a partir da concepção de criatividade conforme proposto por Meltzer (1973), que a descreve como uma internalização da relação sexual dos pais. Segundo o autor, são os pais copuladores internos que proporcionariam a sensação de onipotência divina, da qual emerge a inspiração para a atividade construtiva e criativa. Na fase depressiva, a figura parental combinada é reconstruída por meio de uma transição entre um modo de funcionamento psíquico relativo aos objetos parciais para outro relativo aos objetos totais, inteiros e não fusionados que se tornam a base para a criatividade pessoal. A criatividade, nos domínios da sexualidade, do intelecto ou da estética, seria o produto da identificação com os pais internos, objetos inteiros, em uma relação sexual prazerosa e restauradora que será um modelo de interação produtiva.

Aron (1995) acrescenta que a figura parental combinada operando em um modo esquizoparanoide caracteriza a criança observadora que não possui consciência reflexiva. Quando se pode compreender a figura parental combinada na posição depressiva, a criança teria consciência de si mesma como um sujeito separado em interação com os objetos inteiros e, nesse momento, se aproximaria da cena primária edípica, conforme descrita por Freud (1924/1992, 1923/2011a, 1921/2011b). Como intérprete dela, a criança pode ingressar em processos identificatórios com cada um dos pais e também tomar cada um como objeto de amor. No modo depressivo, a criança pode manter a consciência de sua própria subjetividade e da separação do outro, conservando uma relação simbólica com a cena primária e, portanto, não se sente ameaçada de fusão. Na passagem da posição esquizoparanoide para a depressiva, a imago da figura parental combinada se transforma na de pais completos e a experiência subjetiva para a criança é a de que possui um senso de si, self, desfusionado e com capacidade de pensamento simbólico. A capacidade de pensamento simbólico a auxilia na elaboração de fantasias que constituem a cena primária, as quais assumem um caráter predominantemente fálico-edípico.

Aron (1991) não considera que os modos esquizoparanoide e depressivo são duradouros e fundamentais, pois o que é psíquico não é linear, mas complexo em um movimento contínuo para frente e para trás, ou seja, não se abandona ou ultrapassa a figura parental combinada para permanecer na posição de observador da cena primária, edípica. Ao invés disso, a figura dos pais combinados e a cena primária continuam a operar sincronicamente como dimensões essenciais da experiência de self. Não se trata de considerar a figura

parental combinada evoluindo para a cena primária, mas considerá-la como dois sistemas de fantasias que se alternam. Aron (1995) propõe uma relação de fluxo entre a figura parental combinada, compreendida a partir das defesas e das ansiedades características da posição esquizoparanoide, e a cena primária, compreendida a partir das defesas e das ansiedades características da posição depressiva. Esse fluxo permitiria uma visão de si unificada e múltipla, estável e em fluxo, idêntica e diferente. Sua internalização, ao contrário da identificação fixa e linear com um dos pais, seria fluida no que considera fundamental para as relações de objeto e fantasias de self masculino e feminino. A implicação dessa fluidez é a aquisição psíquica de se manter duas ideias contrastantes na mente ao mesmo tempo, paradoxalmente. Daí a figura paterna combinada ser útil, porque não privilegia a relação heterossexual, sugerindo todos os tipos de arranjos e combinações heterossexuais, homossexuais e de sexualidade não genital. Dentro dessa metáfora, a criança ainda não resolveu que os pais são homens e possuem pênis e as mães são mulheres e possuem vagina. Então, as fantasias da figura parental combinada não são exclusivamente heterossexuais ou genitais.

Aron (1995) compreende que a dinâmica entre a figura parental combinada e a cena primária forma uma base para a criatividade que não deveria ser conceituada somente como resultado da heterossexualidade procriadora. Assim, a dinâmica da relação entre a figura parental combinada e a cena primária demonstraria mais um padrão de relacionamento e não de uma relação objetal. Nessa fluidez é possível uma experiência de self tanto na posição de sujeito como na posição de objeto (Bach, 1985; Bem, 1993). A subjetificação, posição do sujeito que participa, e a objetificação, posição do sujeito que observa, são duas perspectivas diferentes de um mesmo self e daí Aron (1995) apresenta seu conceito de self bigendrado. Esse conceito permite reconhecer-se e reconhecer o outro, ora na posição de sujeito, ora na posição de objeto.

Para Aron (1995), as oscilações entre figura parental combinada e cena primária, sujeito e objeto, consolidam um senso de self bigênero, construído por autorrepresentações diferentes, contraditórias, opostas, coexistindo em interações dinâmicas.

## Annie Sweetnam e a dialética entre as posições esquizoparanoide e depressiva

Sweetnam recorre à proposta de Ogden (1986, 1989) sobre a dialética intersubjetiva,<sup>7</sup> por meio da qual a experiência da identidade de gênero

7 A compreensão sobre as origens do movimento dialético intersubjetivo em Ogden pode ser encontrada em Green (2005) e Winnicott (1971/1975).

pode ser compreendida como um reflexo do movimento de coconstrução e dependência entre as identidades masculina e feminina. Ogden aprofundou o conhecimento sobre os tipos de experiências subjetivas das posições esquizoparanoide e depressiva, enfatizando que elas traduzem um “estado de fundo do ser”<sup>8</sup> (Ogden, 1986). Embora não se referindo diretamente à figura parental combinada, elaborou um ponto de vista kleiniano sobre a cena primária, propondo que as fantasias dela são organizadoras das relações de objeto internas e externas. A partir dessa perspectiva teórica há uma recontextualização permanente do gênero, de modo a se manter uma tensão entre a fixidez, posição esquizoparanoide, e a fluidez, posição depressiva.

O autor propõe que o gênero, como experiência de uma pessoa se sentir homem ou mulher, está ligado às relações de objeto internas e externas, sendo que as identificações masculinas ou femininas também estão em relações internas umas com as outras. Assim, há diferentes formas de relação entre as identificações enquanto relações com objetos internos e externos. A partir dessa perspectiva, Sweetnam (1996) argumenta a possibilidade de um tratamento teórico possível de ser sustentado para se afastar da linearidade do desenvolvimento para concepções dialéticas que permitem que a qualidade fixa ou mais fluida do gênero possa ser conhecida, dependendo do momento psicológico, da posição e da experiência de cada momento.

Desta forma, Sweetnam (1996) propõe uma compreensão sobre a fluidez de gênero a partir da dialética entre as posições esquizoparanoide e depressiva com suas defesas, ansiedades e formas características de relação de objeto. No contexto da relação esquizoparanoide, as experiências de gênero são estruturadas como uma batalha e as linhas entre o masculino e o feminino devem se manter rigidamente separadas em estado de cisão. A experiência subjetiva de gênero é a de ser controlado pelo exterior, apresentando-se como uma experiência vazia e sem vitalidade, e a relação entre masculinidade e feminilidade a da dicotomia. As fantasias de ataque levam ao medo de aniquilação, masculino aniquilando o feminino e vice-versa. Estando as identificações em estado de batalha, a masculinidade e a feminilidade são experienciadas subjetivamente como relações de objeto parcial que controlam o self do gênero e, assim, ele é vivido como controlado pelo exterior, como uma vivência vazia.

Ogden (1989), ao discutir as experiências emocionais limites, indica que, na posição esquizoparanoide, o self é vivido como um objeto no qual as experiências da vida ocorrem e as identificações com o masculino e o feminino se objetificam mutuamente. Não há espaço para o outro ou a experiência de reflexão sobre si mesmo, pois gênero é tido como algo dado. Os pensamentos

8 Ogden discutiu três posições psicológicas: autista-contíguo, paranoico-esquizoide e depressivo. Ele descreveu não apenas o movimento, mas uma relação dialética entre as posições, de tal forma que a experiência em cada posição é continuamente criada e negada pela experiência das outras posições.

e os sentimentos são vividos como coisas em si, fatos, e a experiência subjetiva do gênero se aproxima do que foi descrito como sendo o uso de equações simbólicas (Segal, 1957/1986). Os órgãos masculinos são comparados a características de poder e dominação, e os femininos, de submissão. A experiência subjetiva do gênero é previsível, fixa e linear; não havendo espaço para a criatividade ou a criação de significados. Com as defesas e as ansiedades características da posição esquizoparanoide, não há possibilidade de perceber as semelhanças ou possuir sentimentos de empatia com o outro, ou seja, não há mutualidade.

Sweetnam (1996) não compreende a posição esquizoparanoide somente a partir da psicopatologia, mas também como forma de encontro de um novo significado para o já conhecido ou em situações quando são necessárias limitações claras entre o masculino e o feminino. Desta forma, reconhece que a dicotomização entre o masculino e o feminino é necessária, mas não pode excluir a flexibilização, o diâmetro mais longo do fluxo entre as posições esquizoparanoide e depressiva.

Para Sweetnam (1996), pensar o gênero em relação à posição depressiva é levar em conta, a partir de Klein (1952/1991a), a internalização gradual de um bom objeto,<sup>9</sup> pois não há uma relação entre opostos, mas uma relação de integração e fluidez entre masculinidade e feminilidade. Ogden (1989) salientou que a relação de objeto na posição depressiva possibilita o reconhecimento de si e do outro como sujeitos que possuem subjetividades próprias, afastando-se de definições rígidas e lineares. O gênero passa a ser uma criação compartilhada nas relações. Com o uso da capacidade simbólica no lugar anterior do uso das equações simbólicas, não se possui uma experiência do gênero com significado imediato, havendo espaço para seu uso criativo.

Quando os conceitos simbólicos são aplicados ao corpo sexuado, ele deixa de ter sentidos inerentes de gênero e passa a ser um campo de jogos de significado para interpretação, como aquele em que ter uma vagina não quer dizer ser uma mãe receptiva e a posse de um pênis não significa ser poderoso. A posição depressiva integra e proporciona fluidez. A interpretação dialética das posições em Ogden (1989) seria essencial para a visão do aspecto dinâmico da experiência de gênero, pois refere-se, segundo Sweetnam (1996), à integração e à fluidez entre as identificações masculina e feminina, entre autonomia e dependência. Por meio dessa concepção dialética existiriam diferentes fluxos dinâmicos entre as identidades de gênero, pois, para alguns sujeitos,

9 Esta internalização refere-se à diminuição da projeção e uma simultânea posse de partes de si antes projetadas, culpa de ter atacado o objeto, integração da agressividade e preservar o bem. Isso são características da posição depressiva, bem como remorsos e desejos de reparação. Defesas em relação ao luto que acompanham o gênero na posição depressiva são as maníacas e a negação, comparadas à cisão da fase esquizoparanoide. A mudança da relação com os objetos parciais para a relação com objetos inteiros e separados.

o gênero precisa ser definido como sendo uma relação clara entre feminino e masculino e, para outros, essa relação é mais integrada, permitindo a fluidez característica dos estados criativos.

## Conclusão

Ao contemplar o recorte realizado nas obras de Aron (1995) e Sweetnam (1996) apresentou-se uma contribuição para o diálogo, a partir da matriz kleiniana, entre as teorias psicanalítica e queer. Foram apresentadas alternativas para a questão da dicotomização, da linearidade e da fixidez das identificações edípicas e pré-edípicas, ao mesmo tempo em que se propôs instrumentalizar o reconhecimento clínico de determinado modo de produção de subjetividade socialmente construído. Assim, este artigo se posicionou em relação à tensão entre o sujeito psicanalítico, o do inconsciente, e o sujeito social, o do gênero. Compreende-se que a produção de subjetividade é epocal e histórica (Bleichmar, 1999) e que os processos de produção de subjetividades sexuais se referem a um sujeito social produto da história, da antropologia e da política. A psicanálise, por sua vez, é uma teoria do sujeito psíquico, que é simultaneamente um sujeito social. Compreendemos que as questões de gênero nos trazem contemporaneamente os acordos sociais relativos às políticas de identidade e de reconhecimento que norteiam as demandas dos sujeitos sociais frequentemente abordadas na teoria queer.

Ao utilizar autores que privilegiaram a matriz kleiniana na construção do conhecimento sobre a fluidez de gênero, consideraram-se duas premissas. A primeira está contida na proposta de Aron (1992a, 1992b) de articulação entre os conceitos de cena primária e figura parental combinada a partir de uma postura epistemológica relacional-perspectivista que possibilita a utilização de dois conceitos que se originam em campos metapsicológicos distintos, integrando-os na conceituação do self bigênero. A segunda premissa, contida no trabalho de Sweetnam (1996), encontra-se na compreensão sobre a operatividade da concepção dialética do fluxo entre as posições esquizoparanoide e depressiva, como um desdobramento do que já é conhecido (Klipan, 2015) como sendo a inversão da lógica fálica na constituição do psiquismo, a partir da concepção de fase feminina proposta por Klein (1932/1997), comum a ambos os sexos. Nesse sentido, a matriz kleiniana possibilitou um posicionamento em relação às dicotomias essencialistas encontradas na teoria freudiana sobre a concepção de gênero, oferecendo formas de compreensão sobre as múltiplidades contidas na relação entre o processo identificatório e as identidades, aproximando-se de contribuições já realizadas sobre o tema pela teoria queer.

Em Aron (1995), fica evidente a utilização do conceito de cena primária para além do privilégio da genitalidade heterossexual com o fim de incluir

uma gama de sexualidade polimorfos e pré-genitais contidas na figura parental combinada. O autor, ao inverter o sentido patológico da cena primária, considera o narcisismo e a ilusão da bissexualidade como fontes de criatividade e não algo a ser superado, abandonado ou renunciado, mas integrado e desempenhando papel fundamental na capacidade de pensar e simbolizar. Oferece-nos um paradoxo, pois apresenta que, embora precisemos de uma identidade de gênero central para mantermos o limite do próprio gênero, também temos que preservar um self multigênero que permita e preserve a fluidez das identificações multifacetadas. Desta forma, seu conceito de self multigendrado aproxima-se do pensamento pós-estruturalista que questiona a existência de uma identidade unitária, coesa e essencialmente única. Aron (1995), ao reconhecer a importância de uma identidade de gênero central, ou seja, a necessidade de uma coesão básica, afasta-se do risco de que a multiplicidade seja compreendida como fragmentação de experiências que podem deslizar para uma psicose. Ele propõe não abandonar a noção de identidade, como os pós-estruturalistas apreçoam, pois precisamos da noção de identidade tanto quanto da noção de multiplicidade.

Com Sweetnam (1996) é possível percorrer um caminho de reflexão crítica, pois propõe que Freud (1992), em sua teoria sobre as identificações ligadas à dissolução do complexo de Édipo, apesar de considerar a bissexualidade, não se aproximou da questão sobre a fluidez e não incorporou as identificações cruzadas devido à concepção delas como um sintoma neurótico. Em relação à identificação pré-edípica, também critica as posições de Nancy Chodorow,<sup>10</sup> Robert Stoller<sup>11</sup> e Jessica Benjamin,<sup>12</sup> pois eles teriam compreendido a identidade de gênero apenas com o mesmo sexo ou o sexo oposto, sem considerar as variações e as integrações dinâmicas do fluxo entre o edípico e o pré-edípico, perpetuando uma noção estática. Assim, posiciona-se em relação à rigidez das identificações edípica (Freud, 1992) e pré-edípicas, compreendidas como ligadas aos processos de desidentificação do corpo da mãe (Greenson, 1966, 1968; Stoller, 1964, 1968) e ao repúdio pelo menino da identificação materna (Chodorow, 1978).

10 Socióloga e psicanalista norte-americana, conhecida por suas contribuições significativas para a teoria feminista, a compreensão das relações de gênero e a análise das estruturas familiares e sociais que moldam a identidade e o comportamento das mulheres.

11 Psicanalista e psiquiatra norte-americano, fundou a Clínica de Pesquisa sobre Identidade de Gênero, da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). Era filiado à Sociedade Psicanalítica de Los Angeles. Pioneiro do uso do termo *gênero* no contexto psicanalítico.

12 Psicanalista norte-americana que, a partir da noção de intersubjetividade, realiza uma crítica à concepção que pensa o sujeito psicanalítico exclusivamente em termos de seu funcionamento intrapsíquico. Considera o funcionamento intrapsíquico que, ao lado de uma abordagem intersubjetiva, permita ser conhecida a representação de si e do outro em suas múltiplas inter-relações, sem perder de vista as determinações socioculturais na constituição do sujeito psíquico.

Ao utilizar a teoria de Ogden (1986, 1989), compreende a fluidez identificatória no contexto da dialética intersubjetiva que se aproxima do contexto da mutualidade relacional, ou seja, da tensão entre a afirmação de si e o reconhecimento dessa afirmação. Entretanto, nesse contexto relacional, aproxima-se criticamente de Benjamin (1988), primeiramente por compreender que a autora também se alinha à fixidez e à linearidade das identificações, ao sugerir que, na fase pré-edípica, o amor identificatório se estabeleceria linearmente e, em um segundo momento, por considerar que não há possibilidade de existir uma linha reta entre o social e o psíquico, sem o risco de cair no determinismo, e que a dicotomia pode estar psicologicamente enraizada apesar de socialmente construída. Seria necessário reconhecer a importância psicológica das dicotomias de gênero e que o movimento entre as categorias dicotômicas e integradas de gênero precisa ser compreendido. A autora possui também uma postura crítica em relação às posições que ligam a identidade de gênero às teorias do desenvolvimento, pois também seriam lineares em suas concepções sobre as identificações, sendo capturadas pela noção de fases que não explicam o caráter dinâmico e mutável das identificações.

Desta forma, realizando uma leitura pormenorizada dos trabalhos de Aron e Sweetnam, este artigo procurou contribuir para reflexões que possam instrumentalizar a prática da clínica psicanalítica em sua apropriação teórica do conceito de gênero. Compreende-se que essa apropriação teórica se realiza na forma de interações e diálogos com as teorias que produzem conhecimento sobre o sujeito social e, no caso das identidades de gênero, procurou realizar uma aproximação do diálogo com a teoria queer. Por outro lado, a prática clínica muito se beneficia da abordagem por meio da psicanálise relacional em situações de impasses oriundos do mecanismo psíquico da cisão em sua interface com a cisão ativa que leva à fragmentação ou da cisão forçada entre as realidades psíquica e material (Susemihl, 2009). As situações como a de enactments são frequentemente associadas às ansiedades características do atendimento psicanalítico da dissidência de gênero.

Acredito que, ao considerar a relação entre o mecanismo psíquico da cisão e a concepção de fluidez de gênero, encontro na clínica a experiência do paradoxo daquilo que separa e une no espaço (Bion, 1975), mas que possui no tempo um fluxo por meio da multiplicidade dos estados de self a ser reconhecido no aqui e agora da sessão que possibilita atravessamento do que separa pela mutualidade e pelo reconhecimento. Reconhece-se que Aron e Sweetnam indicam a existência de um tempo de fluxo por meio do qual o movimento dialético contribui para a não dicotomização entre as experiências de si ligadas à identidade de gênero.

### Sobre la fluidez del género

Resumen: La autora propone reflexiones sobre la linealidad y la fluidez de los procesos identificatorios presentes en la experiencia de la identidad de género. Utiliza la matriz teórica kleiniana, a partir de las relaciones conceptuales entre la escena primaria y la figura parental combinada, y del movimiento dialéctico entre las posiciones esquizoparanoide y depresiva. Justifica la elección de este enfoque por considerar que contribuye al diálogo entre la teoría psicoanalítica y la teoría queer. Cree que, con este diálogo, la práctica de la clínica psicoanalítica podrá, a través de sus propios recursos conceptuales, posicionarse en relación con las demandas de su época.

Palabras clave: género, identificación, teoría queer, clínica psicoanalítica

### On gender fluidity

Abstract: The author proposes reflections on the linearity and fluidity of the identification processes present in the experience of gender identity. She uses the Kleinian theoretical matrix, based on conceptual relationships between the primal scene and the combined parental figure, and the dialectical movement between the schizoparanoïd and depressive positions. She justifies the choice of this approach on the grounds that it contributes to the dialogue between psychoanalytic theory and queer theory. She believes that, through this dialogue, psychoanalytic clinical practice will be able to position itself in relation to the demands of its time, using its own conceptual resources.

Keywords: gender, identification, queer theory, psychoanalytic clinic

### À propos de la fluidité du genre

Résumé : L'autrice propose des réflexions sur la linéarité et la fluidité des processus d'identification présents dans l'expérience de l'identité de genre. Elle utilise la matrice théorique kleinienne, à partir des relations conceptuelles entre la scène primaire et la figure parentale combinée, et du mouvement dialectique entre les positions schizo-paranoïde et dépressive. Elle justifie le choix de cette approche en considérant qu'elle contribue au dialogue entre la théorie psychanalytique et la théorie queer. Elle estime que, grâce à ce dialogue, la pratique clinique psychanalytique pourra, à travers ses propres ressources conceptuelles, se positionner par rapport aux exigences de son époque.

Mots-clés : genre, identification, théorie queer, clinique psychanalytique

### Referências

- Aron, L. (1991). Working through the past, working toward the future. *Contemporary Psychoanalysis*, 27(1), 81-109.

- Aron, L. (1992a). From Ferenczi to Searles and contemporary relational approaches: commentary on Mark Blechner's "working in the countertransference". *Psychoanalytic Dialogues*, 2(2), 181-190.
- Aron, L. (1992b). Interpretation as expression of the analyst's subjectivity. *Psychoanalytic Dialogues*, 2(4), 475-507.
- Aron, L. (1995). The internalized primal scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 195-237.
- Bach, S. (1985). *Narcissistic states and the therapeutic process*. Aronson.
- Bem, S. L. (1993). *The lenses of gender: transforming the debate on sexual inequality*. Yale University.
- Benjamin, J. (1988). *The bonds of love: psychoanalysis, feminism and the problem of domination*. Pantheon.
- Benjamin, J. (1998). *The shadow of the other: intersubjective and gender in psychoanalysis*. Routledge.
- Bion, W. R. (1975). *The grid and Caesura*. Imago.
- Bleichmar, S. (1999). Entre la producción de subjetividad y la constitución del psiquismo. *Revista del Ateneo Psicoanalítico*, 2, 41-59.
- Blum, H. P. (1979). On the concept and consequences of the primal scene. *The Psychoanalytic Quarterly*, 48, 27-47.
- Bordo, S. (1993). *Unbearable weight: feminism, Western culture and the body*. University of California.
- Breuer, J. & Freud, S. (1969). Estudos sobre histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2). Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Bromberg, P. (1996). Standing in spaces: the multiplicity of self and the psychoanalytic relationship. *Contemporary Psychoanalysis*, 32, 509-535.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble*. Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter*. Routledge.
- Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering*. University of California.
- Chodorow, N. (2000). *The power of feelings*. Karnac.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia* (M. Chnaiderman & R. J. Ribeiro, Trans.). Perspectiva.
- Dimen, M. (1991). Deconstruction difference: gender, splitting and transitional space. *Psychoanalytic Dialogues*, 1(3), 335-352.
- Dimen, M. (1995). The third step: Freud, the feminist, and postmodernism. *American Journal of Psychoanalysis*, 55, 303-320.
- Esman, A. H. (1973). The primal scene: a review and a reconsideration. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 28, 49-82.
- Fairbairn, W. R. D. (2002). Schizoid factors in the personality. In W. R. D. Fairbairn, *Psychoanalytic studies of the personality* (pp. 3-27). Routledge. (Trabalho original publicado em 1940)
- Ferenczi, S. (2019). The confusion of tongues between adults and the child. In M. Balint (Ed.), *Final contributions to the problems and methods of psychoanalysis* (pp. 156-167). Routledge. (Trabalho original publicado em 1933)
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Graal.
- Freud, S. (1969a). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 267-284). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

## Sobre a fluidez do gênero

- Freud, S. (1969b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 15-116). Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901])
- Freud, S. (1969c). História de uma neurose infantil. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 19-152). Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1969d). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vols. 4-5). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1969e). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 90-188). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1969f). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 6, pp. 13-113). Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1969g). Sobre as teorias sexuais das crianças. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 189-204). Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1969h). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 118-230). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1990). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 11-125). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1992). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 217-224). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011a). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 15-80). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011b). Psicologia de massas e análise do eu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ghent, E. (1992). Paradox and process. *Psychoanalytic Dialogues*, 2(2), 135-159.
- Green, A. (2005). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: misrecognition and recognition of the unconscious* (A. Weller, Trad.). Routledge.
- Greenson, R. (1966). A transexual boy and a hypothesis. In R. Greenson, *Explorations in psychoanalysis* (pp. 389-304). International Universities Press.
- Greenson, R. (1968). Dis-identifying from mother: its special importance for the boy. In R. Greenson, *Explorations in psychoanalysis* (pp. 305-311). International Universities Press.
- Grosz, E. (2015). *The incorporeal: ontology, ethics, and the limits of materialism*. Columbia University.
- H. D. (1985). *Tribute to Freud*. Carcanet.
- Irigaray, L. (1993a). *The ethics of sexual difference*. Cornell University.
- Irigaray, L. (1993b). *Sexes and genealogies*. Columbia University.
- Klein, M. (1965). The origins of transference. In M. Klein, *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 48-76). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1952)

- Klein, M. (1991a). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (B. H. Mandelbaum et al., Trans., Vol. 3, pp. 85-118). Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (1991b). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (B. H. Mandelbaum et al., Trans., Vol. 3, pp. 205-267). Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Klein, M. (1997). A psicanálise de crianças. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (L. P. Chaves, Trad., Vol. 2). Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Klipan, M. L. (2015). *Noção de feminilidade em Melanie Klein: subjetivações para além do registro fálico* [Tese de doutorado]. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.
- Laurentis, T. (1991). Queer theory: lesbian and gay sexualities: an introduction. *Differences*, 3(2), III-XVIII.
- Meltzer, D. (1973). *Sexual states of mind*. Clunie.
- Mitchell, J. (1998). Introduction to Melanie Klein. In L. Stonebridge & J. Phillips (Eds.), *Reading Melanie Klein* (pp. 11-31). Routledge.
- Mitchell, S. A. (1993). *Hope and dread in psychoanalysis*. Basic Books.
- Nash, J. (1999). The function of femininity as a hollow container: a feminist revision of Klein's theory of thinking. *Psychoanalytic Studies*, 1(2), 159-176.
- Ogden, T. H. (1986). *The matrix of the mind*. Aronson.
- Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. Aronson.
- Sayers, J. (1987). Melanie Klein, psychoanalysis, and feminism. *Feminist Review*, 25(1), 23-37.
- Schafer, R. (1989). Narratives of the self. In A. M. Cooper, O. F. Kernberg & E. S. Person (Eds.), *Psychoanalysis: toward the second century* (pp. 153-167). Yale University.
- Searles, H. F. (1977). Concerning the development of an identity. In H. F. Searles, *Countertransference and related subjects*. International Universities Press.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein* (J. C. Guimarães, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1973)
- Segal, H. (1986). Notes on symbol formation. In H. Segal, *The work of Hanna Segal: a Kleinian approach to clinical practice* (pp. 49-68). Free Association Books. (Trabalho original publicado em 1957)
- Stoller, R. J. (1964). A contribution to the study of gender identity. *The International Journal of Psychoanalysis*, 45, 220-226.
- Stoller, R. J. (1968). The sense of femaleness. *The Psychoanalytic Quarterly*, 37(1), 42-55.
- Susemihl, E. V. K. P. (2009). Notas sobre o conceito de *splitting* (*Spaltung*) à luz de questões de tradução. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4), 133-144.
- Sweetnam, A. (1996). The changing contexts of gender: between fixed and fluid experience. *Psychoanalytic Dialogues*, 6(4), 437-459.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido em 25/5/2025, aceito em 25/8/2025

Manola Vidal

manolavidal@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n4.09